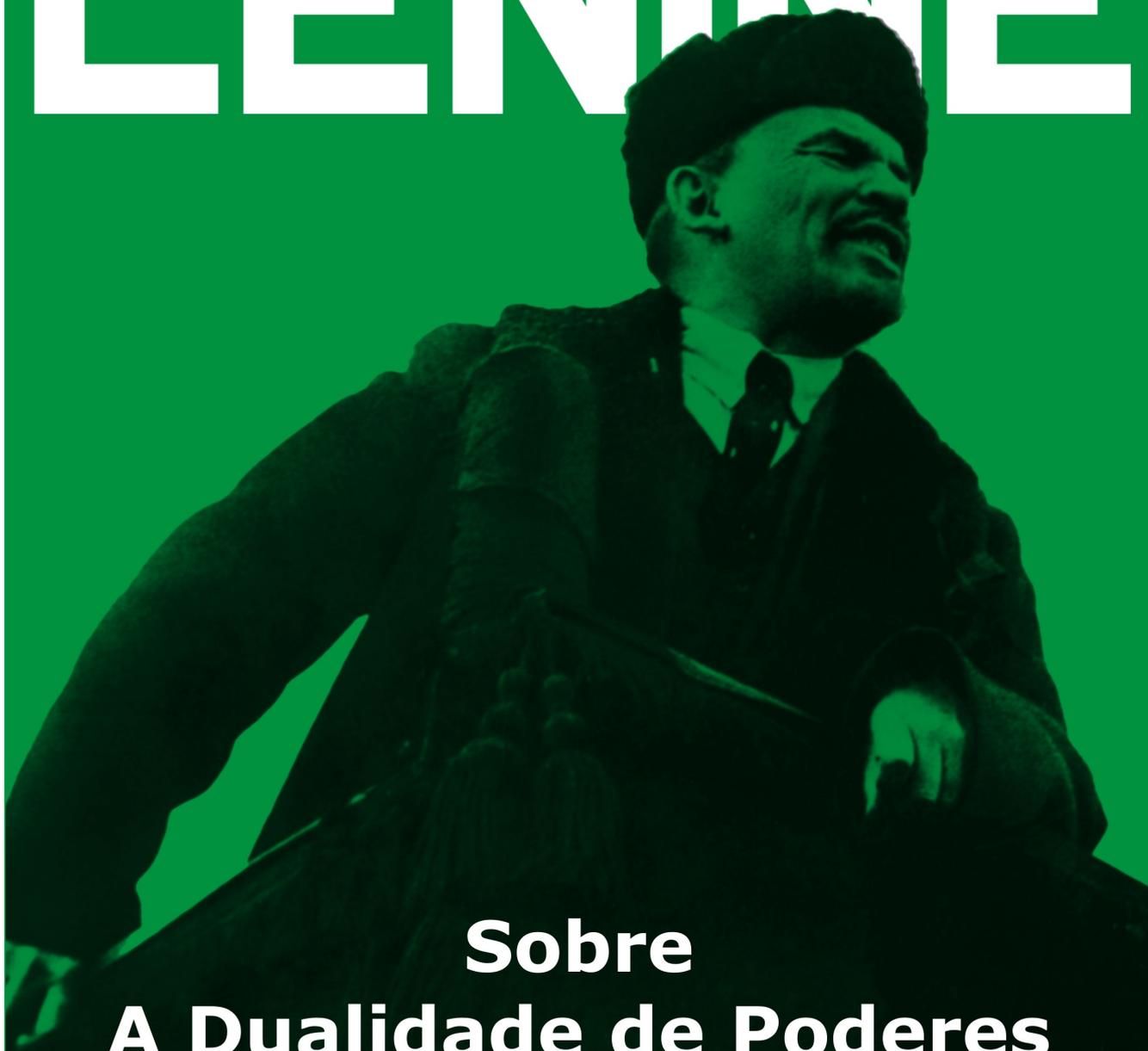


VLADIMIR ILITCH

LENINE



**Sobre
A Dualidade de Poderes
(Abril 1917)**

ORGANIZAÇÃO REGIONAL DE LISBOA DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS 

Sobre A Dualidade de Poderes

Vladimir Ilitch Lénine
1917

Publicado em 9 de Abril de 1917 no jornal *Pravda*, n.º 28

Presente tradução na versão das Obras Escolhidas de V.I.Lénine

Edição em Português da Editorial Avante, t2, pp 11-16

Traduzido das O. Completas V.I.Lénine 5ª Ed. russo t.31 pp 145-148

A questão fundamental de toda a revolução é a questão do poder de Estado. Sem esclarecer esta questão nem sequer se pode falar em participar de modo consciente na revolução, para já não falar em dirigi-la.

Uma particularidade extremamente notável da nossa revolução consiste em que ela gerou uma **dualidade de poderes**. É preciso, antes de mais nada, compreender este facto; sem isso será impossível ir avante. É necessário saber completar e corrigir as velhas «fórmulas», por exemplo, as do bolchevismo, porque, como se demonstrou, foram acertadas em geral, mas a sua realização concreta **revelou-se** diferente. **Ninguém** antes pensava nem podia pensar na dualidade de poderes.

Em que consiste a dualidade de poderes? Em que ao lado do Governo Provisório, o governo da **burguesia**, se formou **outro governo**, ainda fraco, embrionário, mas indubitavelmente existente de facto e em desenvolvimento: os Sovietes de deputados operários e soldados.

Qual é a composição de classe deste outro governo? O proletariado e os camponeses (vestidos com a farda de soldado). Qual o carácter político deste governo? É uma ditadura revolucionária, isto é, um poder que se apoia directamente na conquista revolucionária, na iniciativa imediata das massas populares vinda de baixo, e **não na lei** promulgada por um poder de Estado centralizado. É um poder de um género completamente diferente do poder que geralmente existe nas repúblicas parlamentares democrático-burguesas do tipo habitual imperante até agora nos países avançados da Europa e da América. Esta circunstância é esquecida com frequência, não se medita sobre ela, apesar de que nela reside toda a essência do problema. **Este** poder é um poder do **mesmo tipo** que a Comuna de Paris de 1871. Os traços fundamentais deste tipo são: 1) a fonte do poder não está numa lei previamente discutida e aprovada pelo parlamento mas na iniciativa directa das massas populares partindo de baixo e à escala local, na «conquista» directa, para empregar uma expressão corrente; 2) a substituição da polícia e do exército, como instituições separadas do povo e opostas ao povo, pelo armamento directo de todo o povo; com este poder a ordem pública é mantida pelos **próprios** operários e camponeses armados, pelo **próprio** povo armado; 3) o funcionalismo, a burocracia ou são substituídos também pelo poder imediato do próprio povo ou, pelo menos, colocados sob um controlo especial, transformam-se em pessoas não só elegíveis mas **exoneráveis** à primeira exigência do povo, reduzem-se à situação de simples representantes; transformam-se de camada privilegiada, com «lugarzinhos» de remuneração elevada, burguesa, em operários de uma «arma» especial, cuja remuneração **não exceda** o salário normal de um bom operário.

Nisto, e **só** nisto, consiste a **essência** da Comuna de Paris como tipo especial de Estado. Esta essência foi esquecida e deturpada pelos Srs. Plekhánov (chauvinistas declarados que traíram o marxismo), Kautsky (os homens do «centro», isto é, os que vacilam entre o chauvinismo e o marxismo) e, em geral, todos os sociais-democratas, socialistas-revolucionários, etc., hoje dominantes.

Escapam-se com frases, refugiam-se no silêncio, esquivam-se, felicitam-se mutuamente mil vezes pela revolução, não querem **reflectir** no que são os Sovietes de deputados operários e soldados. Não querem ver a verdade manifesta de que, na medida em que esses Sovietes existem, **na medida** em que são um poder, existe na Rússia um Estado do **tipo** da Comuna de Paris.

Sublinhei «na medida», pois é apenas um poder embrionário. Pactuando directamente com o Governo Provisório burguês, e fazendo uma série de concessões de facto, **cedeu e cede** ele próprio posições à burguesia.

Porquê? Talvez porque Tchkhéidze, Tseretéli, Steklov e C^a cometem um «erro»? Tolices. Assim pode pensar um filisteu, mas não um marxista. A causa é o *insuficiente grau de consciência* e de organização dos proletários e dos camponeses. O «erro» dos chefes mencionados reside na sua posição pequeno-burguesa, em que **obscurecem** a consciência dos operários em vez de os esclarecerem, lhes **inculcam** ilusões pequeno-burguesas em vez de as refutarem, **reforçam** a influência da burguesia sobre as massas em vez de libertarem as massas dessa influência.

Daqui deveria já ficar claro porque é que também os nossos camaradas cometem tantos erros ao formular «simplesmente» esta pergunta: deve-se derrubar imediatamente o Governo Provisório?

Respondo: 1) deve-se derrubá-lo pois é oligárquico, burguês, e não de todo o povo, ele **não pode** dar nem paz, nem pão, nem plena liberdade; 2) não se pode derrubá-lo agora pois sustenta-se graças a um **acordo** directo e indirecto, formal e de facto, com os Sovietes de deputados operários e, em primeiro lugar, com o principal Soviete, o de Petrogrado; 3) de uma forma geral não se pode «derrubá-lo» pelo meio habitual, pois assenta no «**apoio**» que presta à burguesia o **segundo** governo, o Soviete de deputados operários, e este governo é o único governo revolucionário possível, que expressa directamente a consciência e a vontade da maioria dos operários e camponeses. A humanidade não criou e nós não conhecemos até hoje um tipo de governo superior nem melhor que os Sovietes de deputados operários, assalariados agrícolas, camponeses e soldados.

Para se tornarem o poder, os operários conscientes têm de conquistar a maioria para o seu lado: **enquanto** não existir violência contra as massas, não haverá outra via para o poder. Não somos blanquistas¹, não somos partidários da tomada do poder por uma minoria. Somos marxistas, partidários da luta proletária de classe contra a embriaguez pequeno-burguesa, o defensismo-chauvinismo, a fraseologia, a dependência em relação à burguesia.

Criemos um partido comunista proletário; os melhores partidários do bolchevismo criaram já os seus elementos; unamo-nos para o trabalho proletário de classe e de entre os proletários, de entre os camponeses **pobres**, um número cada vez maior colocar-se-á do nosso lado. Porque a **vida** destruirá dia a dia as ilusões pequeno-burguesas dos «sociais-democratas», dos Tchkhéidze, Tseretéli, Steklov, etc., dos «socialistas-revolucionários», dos pequenos burgueses ainda mais «puros», etc., etc.

A burguesia é pelo poder único da burguesia.

Os operários conscientes são pelo poder único dos Sovietes de deputados operários, assalariados agrícolas, camponeses e soldados, pelo poder único preparado pelo **esclarecimento** da consciência proletária e pela sua libertação da influência da burguesia, e não por meio de aventuras.

A pequena-burguesia – os «sociais-democratas», os socialistas-revolucionários, etc., etc. – vacila, **dificultando** este esclarecimento, esta libertação.

Tal é a verdadeira correlação das forças **de classe**, que determina as nossas tarefas.

1 **Blanquistas:** partidários do blanquismo, corrente no movimento socialista francês chefiada por Louis-Auguste Blanqui (1805-1881), eminente revolucionário e destacado representante do comunismo utópico francês. Os blanquistas rejeitavam a luta de classes e tinham esperanças em que «a humanidade se libertaria da escravidão assalariada não por meio da luta de classe do proletariado, mas por meio de uma conspiração de uma pequena minoria de intelectuais» (V. I. Lênine, Obras Completas, 5.^a ed. em russo, t. 13, p. 76). Os blanquistas substituíam a actividade do partido revolucionário pelas acções de um pequeno grupo clandestino de conspiradores, não tinham em conta a situação concreta indispensável para a vitória da insurreição e não davam importância à ligação com as massas.